

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

**O “DIA DO FOLCLORE” E SUA CONCEPÇÃO CIENTÍFICA:
PROBLEMATIZAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO NO ESPAÇO
ESCOLAR.**

Cora Corinta Macedo de Oliveira*

Eixo: Currículo escolar. Cultura. Gestão. Organização do trabalho pedagógico.

Resumo

Questionamos no presente ensaio se seria possível pensarmos uma dada temática utilizada na reprodução do conhecimento escolar como elemento de reflexão para o desdobramento de uma atitude na política educacional? Poderíamos argumentar na atividade didática pedagógica do professor um pronunciamento político que demarcasse um território de justiça social? Estas questões foram problematizadas a partir da perspectiva de que a prática de comemoração do “dia do folclore” em escolas baianas poderá indicar a possibilidade na adoção de um caminho para refletirmos e afirmamos a continuidade da presença do marco civilizatório de populações tradicionais em suas expressões de diversidade cultural. Para tanto apresentamos neste relato de experiência algumas possibilidades para sua investigação no espaço escolar.

Palavras chave: colonialismo; cultura popular; reflexão pedagógica, currículo.

Resumen

Se cuestiona en este breve estudio se es posible la relación entre la reproducción de uno dado conocimiento escolar e la reflexión de la actitud política del profesor. ¿Como relacionar actividad didáctica con la justicia social? Tales cuestiones están posta en la ordene de la problematización de la conmemoración del día del folclore en las escuelas *baianas*. Lo intento es retomar el marco civilizatorio de poblaciones tradicionales a lo mejor afro descendentes en sus expresiones de la diversidad cultural bajo para su investigación en el espacio escolar.

Palabras llave: colonialismo; cultura popular; reflexión pedagógica, currículo.

O presente ensaio se apresenta como um “relato de experiência” e estará qualificado como um trabalho de pesquisa de caráter etnográfico e enquanto tal ele ensaia sobre um conhecimento que consideramos relevante á discussão de gestão educacional, em particular para as escolas publicas baianas dito em tons filosóficos, reflexivo. Dito isto iniciáramos indicando os encontros entre educadores e estudantes os quais nos propiciaram levar a cabo esta problematização sobre a instituição do dia do folclore no espaço escolar. Dentre eles teria o encontro com os estudantes do curso de pedagogia da UNEB do Campus XV alguns deles também professores da rede municipal de ensino e o encontro com o gestor educacional do Colégio Estadual Renan Baleeiro em Salvador. A partir dai nos dispusemos a elaborar o presente registro. Sua escritura está fundada na ordem do dia a dia na disciplina educação e cultura afro-brasileira (atualmente “História e cultura afro-brasileira e indígena”) junto ao curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia. Nela uma temática recorrente em todos os semestres é sobre a condução das comemorações do “dia do folclore” em escolas baianas. Embora na condição de docente, divagássemos em sala de aula o sentimento de ojeriza frente ao direcionamento escolar na comemoração ao “dia do folclore” – inclusive desde o conteúdo do livro didático, nunca efetivamos uma leitura de possibilidades intelectuais para maturar tal sentimento num movimento capaz de despertar ou abrigar o interesse do estudante de pedagogia na produção de uma monografia, de um artigo sobre o que é hegemonicamente reproduzido no espaço escolar sob o conceito de folclore.

Do sentimento de ojeriza podemos afirmar que ele seguia em duas direções. Uma delas relacionada à ausência de um saber sobre o conceito de folclore, o que é? ; o que dizem dele? A possível limitação da sua pratica na produção do conhecimento sobre a cultura brasileira no argumento do professor que comemora o dia do folclore?

Os professores que estudam a graduação em pedagogia no Campus XV alguns deles ainda consideram que este dia é muito importante para o ambiente escolar. Conforme declararam “Ele é esperado o ano todo” – “A escola se prepara o ano todo para a comemoração do dia do folclore- é uma festa linda que envolve também a comunidade”. Mas ainda assim valeria refletir sobre o seu significado para os alunos no espaço em que tal comemoração se efetiva? Poderia se constituir na reprodução de uma opressão? De um recalque onde os sujeitos não se dão conta do ridículo que estão fazendo a si próprio? De um

deboche de elementos vivos e constituintes da cultura local? E principalmente no que as comemorações são apresentadas pelos próprios alunos encenando o “conhecimento folclorista” seria prudente indaga-los sobre o que eles pensam sobre o que é o folclore; ou o que os seus pais afirmam que é o folclore?

O que seria dizer folclore para além da sua conceituação intelectual e enciclopedista? Por exemplo, o que quereria dizer Antonio Candido em sua apresentação sobre o tema dos Caipiras no vídeo documentário produzido por Isa Grinspum Ferraz na coletânea Intérpretes do Brasil (Disco 2) em 2001-2002, quando disserta sobre o fala caipira e usa o conceito de folclorizado, como sinônimo de deformado? Por que existe o lugar comum do qualificarmos folclore de algo bizarro, como desqualificado de sentido? Seria pertinente tomar em observação estes sentimentos perceptivos para uma reflexão sobre o que reproduzir e produzir sobre o folclore na ordem da sua institucionalização normativa curricular? Quais foram os ideólogos e quando instituíram a composição do folclore como uma disciplina curricular efetuada no dia 22 de agosto em todas as escolas básicas?

Outra direção que demarcava em nós o sentimento de ojeriza à comemoração do “dia do folclore” é quanto aos conteúdos reproduzidos sobre o folclore em escolas baianas. Salvo engano identificamos que frequentemente elementos da cultura afro-brasileira como a capoeira, o samba de roda, e em particular elementos da religiosidade do candomblé são os mais configurados como folclore, a exemplo da baiana do acarajé, das comidas por elas comercializadas...

Indagaríamos desde a nossa outrora displicência em estudar a temática se não houvera elementos da cultura eurocêntrica que pudessem ser identificados como folclore? Tê-lo próximo ou irmanado a uma perspectiva etnocêntrica fundada pela antropologia clássica e culturalista, seria pertinente!?

Por exemplo, um padre ou um frei católico que ainda nos dias de hoje desfila em ruas citadina com suas longas batas de cor marrom e um grande crucifixo no pescoço não seria um ícone folclórico, quando imaginamos que praticamente o uso de tal indumentária é coisa em extinção? Ledo engano, pois o objeto da curiosidade dos folcloristas é “as classes subalternas” e sua “cultura”. Elementos da religião cristã não pertenceriam à categoria de folclore uma vez que faz parte da cultura culta eurocêntrica.

Para além do nosso ressentimento, decidimos passar de nos sentirmos ridicularizados na estética da nossa identidade particularmente afro descendente, no recorte das comemorações deste dia; este movimento nos autoriza intelectualizar tais sentimentos a partir do dialogo entre pares buscando contestar se seria possível pensarmos uma dada temática utilizada na reprodução do conhecimento escolar, neste caso o folclore, como elemento de reflexão para o desdobramento de uma atitude na política educacional? Poderíamos argumentar na atividade didática pedagógica do professor um pronunciamento político que demarcasse um território de justiça social? .

Para tanto indicaríamos que a comemoração do “dia do folclore” como tal, já não é objeto de pratica de numeráveis escolas. Escolas baianas têm preferido, por exemplo, levar o grupo escolar a um passeio na cidade de Maragogipinho para que as crianças conheçam a cidade que é o marco cultural na América Latina na produção de objetos a base da cerâmica, conforme foi declarado pelas estudantes da graduação em Pedagogia que cursam a disciplina História e cultura afro-brasileira e indígena. Em outro encontro com educadores do Colégio Estadual Renan Baleeiro, identificamos que seu gestor educacional aboliu o “dia do folclore” em si do que se havia instituído como uma caracterização de alguns elementos da cultura baiana a exemplo da baiana de acarajé e do samba de roda e adotou uma abordagem para si em “arte educação” dinamizando uma continuidade, retomando a “cultura popular” da comunidade para o espaço escolar legitimando sua expressão no cotidiano educacional e no desdobramento da pratica pedagógica. Atitude que se pode fazer uma analogia com a opção de se comemorar o dia 22 de novembro como um marco da condução da conquista do fim do período escravocrata no Brasil, em vez da comemoração do dia 13 de maio.

Desde aqui seguiríamos indagando se a disposição em gestar um novo paradigma que conteste a reprodução hegemônica do dia do folclore se edifica a partir do gestor educacional? A partir de professores? A partir de uma reivindicação da comunidade?

No particular do Colégio Estadual Renan Baleeiro, conformamos que sua dinâmica foi adotada a partir da sensibilidade politica do gestor Elias Malaquias da Silva que ao afirmar a continuidade e vivacidade das expressões populares de linguagens artísticas propicia no espaço escolar a fluência de lugares estéticos que contribuem para uma efetiva relação dialógica entre pares. Um caminho para demarcarmos espaços de justiça social no espaço escolar? Uma politica afirmativa de elementos culturais na dinâmica educacional?

E para esta primeira problematização da temática “o dia do folclore” a prosa com o educador Elias Malaquias no que ele afirma que o conceito fundador é o de “cultura popular” em detrimento do conceito de folclore ele nos incita ainda a discutir uma problematização de ordem conceitual. Enfim o que é dizer folclore para a intelectualidade brasileira e em que se difere de dizer “cultura popular”. Na tentativa de tematizar a relação entre estes dois conceitos folclore vs. cultura popular e no que estivemos desconcertando os estudantes na sala de aula desde o identificado da reprodução ingênua da comemoração do “dia do folclore” a estudante Regiane Almeida assumiu o movimento reflexivo e nutriu a discussão indicando que em suas leituras sobre o filósofo Antônio Gramsci encontrou uma passagem onde ele ressalta seu desprezo pelo folclore dizendo que:

“O folclore é um aglomerado indigesto de fragmentos de todas as concepções que se sucederam na história. Ao mesmo tempo Gramsci considera o folclore como importante e diz que deve ser estudado e compreendido como concepção do mundo e da vida, em grande parte implícita, de determinados estratos da sociedade, em contraposição às concepções oficiais do mundo. Para Gramsci existe cultura popular na medida em que existe cultura dominante. Nesta perspectiva, segundo alguns, a cultura popular assumiria em face da cultura dominante uma posição diversa, contestadora de sua autoproclamada universalidade.” (FERRETI, 2008)

Nisto um breve passeio pelos artigos produzidos na internet identificamos que é Gramsci o principal arauto do movimento de instituir no ocidente o conceito de “cultura popular” em contraponto o uso do conceito de folclore ou como indica Marco del Roio (ROIO, 2007) é dele a tentativa de “emancipar o subalterno”. Como principal seguidor do marxismo ele irá se confrontar com o caráter a-histórico da abordagem folcloristas do Outro – o subalterno se postulando como um intelectual engajado com a classe operária.

Desde aqui seguiríamos indagando, quais intelectuais no Brasil são estudiosos do folclore? Os professores das escolas os identificariam? Haveria outros além do memorável: Câmara Cascudo? A partir daqui identificamos também que o folclore é uma ciência. Neste sentido a crítica e o entendimento do sentimento de desprezo estaria para o entendimento da hegemonia da ciência enquanto um caminho para a produção do conhecimento entre nós?

Desde ainda a pesquisa na internet o trabalho de Andrea Ciacchi (2010) estuda a produção científica do estudioso folclorista brasileiro Câmara Cascudo e destaca:

“Por trás de cada manifestação mencionada por Câmara Cascudo, não se enxerga ninguém: nem mulheres nem homens reais. Ao contrário, quando o autor se empenha em descrever as várias disciplinas da cultura não popular, estamos diante de uma galeria de “arqueólogos”, “sociólogos”, “antropólogos”, “eruditos da novelística”, “músicos”, “médicos”, etc. Em outras palavras, a cultura popular parece “fazer-se por si mesma”, emergindo dessa zona indistinta e dotada de vitalidade própria que é o *passado*. Já a cultura “oficial”, esta, é feita por homens vivos, atuantes, protagonistas da sociedade “real” e “moderna”. (CIACCHI, 2010).

Ainda Ciacchi (2010) nos apresenta um dado inusitado: a discussão desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre a condução normativa de reprodução do conceito de folclore no espaço escolar (BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol. 10. Pluralidade Cultural. Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF. 1997.). Valeria seguir indagando se nós quando adotamos a obrigatoriedade curricular de ministrarmos a disciplina “História e cultura afro-brasileira e indígena” no espaço acadêmico e do ensino/aprendizagem básico refletimos e participamos da condução do conteúdo dos PCN?

Cientes de que o caminho para tomarmos a palavra para determinar o significado da comemoração do “dia do folclore” vai de encontro por suposto pelo estudo epistemológico da produção do conhecimento folclórico as estudantes de pedagogia – Claudia Ribeiro Damasceno, Emanuele Ribeiro Viana, Neilma Santos Ramos, Silvia Luci de Lemos Santos, Karine Sullivan Pinto Cunha, Aline Figueredo de Almeida e Regeane Almeida foram mais longe e indicam que se trata de uma abordagem científica no método etnológico. A etnologia apresenta uma metodologia que se filia aos primórdios da antropologia.

“Os equívocos do olhar etnocêntrico e as interpretações, simpáticas, mas distorcidas, da antropologia nacionalista (ultimamente, populista), significam, em última instância, um ver-de-fora para-dentro; uma projeção, uma estranheza mal dissimulada em familiaridade. Essa estranheza, e os juízos que dela provêm, tem ancestrais conhecidos nos cronistas e nos catequistas dos séculos iniciais da colonização.” (BOSI, 1992:320)

Como tal, por suposto, que sua tradução se configura, em bases etnocêntricas onde os achados etnológicos seriam talvez expressões culturais nulas de história, de continuidade, passível de extinguirem-se pelo seu caráter “primitivo”; não evoluído à condição culta de civilização europeia; expressões culturais nulas de lógica, de inteligência que justifique em si a sua existência social. E embora não nos interesse os rumos desta abordagem científica, diríamos que seus ideólogos vêm retomando a sua prática e realçando em humanidade suas produções ainda que não se perca talvez o foco do seu caráter etnocêntrico no recorte de estudos de populações então identificadas como “subalternas”. (FERRETI, 2008)

Ariscaríamos ainda dizer que se trata de um tipo de colonialismo desde o que sugere Alfredo Bosi (1992) na Dialética da colonização.

“É extremamente importante repensar o processo de formação de toda essa cultura que viveu e ainda vive sob o limiar da escrita. Certa vertente culta, ocidentalizante, de fundo colonizador, estigmatiza a cultura popular como fósil correspondente a estados de primitivismo, atraso, demora, subdesenvolvimento. Para essa perspectiva, o fatal (que coincide, no fim, com o seu ideal mais caro) é o puro desaparecimento desses resíduos, e a integração de todos os seus sujeitos nas duas formas institucionais mais poderosas: a cultura para as massas e a cultura escolar. Trata-se de uma visão linearmente evolucionista que advoga, com a autoridade da ciência oficial, a causa dos vencedores.” (BOSI, 1992).

Reproduzir o conceito de folclore no dia 22 de agosto em escolas seria uma prática colonialista praticada inocentemente pelos professores?

A partir de tal pressuposto podemos por certo tentar compreender o movimento intelectual gramsciano e o desdobramento da sua proposta metodológica, particularmente entre a intelectualidade brasileira quando propõe o estudo da cultura popular em contrapondo a cultura erudita numa prática fundada no materialismo histórico na relação dicotômica entre - cultura erudita vs cultura dominante. Empoderar politicamente os atores produtores da cultura popular dinamiza a sua prática discursiva em tons marxista. Assumir tal postura política visa exercer em quem a prática a função de intelectual comprometido com a transformação social e por suposto contrários às relações de exploração promovidas no sistema capitalista. Visa resguardar a posição de vanguarda das “classes subalternas” falando por ela e mesmo “resgatando” o que se entende como uma cultura popular em extinção.

Não obstante o discurso marxista que legitima a prática entre nós de estudos sobre a cultura popular, seu discurso tem estado passível de crítica; um dos arautos em ponderar o sentido e significado da utilização do conceito cultura popular em sua versão dialética é o estudioso Renato Ortiz: “No âmbito nacional, Renato Ortiz é um dos pesquisadores que mais detidamente tem refletido sobre a questão da cultura popular.” (FREZZATO 2011).

E, se desde Bosi nos afastamos do significado de prática colonialista que a comemoração do “dia do folclore” nos sugere, é Ortiz quem desde a nossa leitura iniciática das suas reflexões sem dúvida nos autoriza também preterir o conceito de “cultura popular” enquanto um princípio epistemológico, um caminho para o diálogo com as expressões culturais posta na ordem da diversidade, sem hierarquias dicotômicas, sem o apelo ao sentimento de vanguarda do intelectual e sim de um compromisso em respeitar e promover

expressões culturais da comunidade escolar e do seu entorno, incluindo aí a cultura da palavra escrita.

Neste sentido o educador, o professor e particularmente o gestor terá a responsabilidade de promover a cultura local, identificando não somente a sua continuidade, mas principalmente refletindo o que intelectualmente os discursos acadêmicos têm dito sobre ela. E principalmente talvez entendendo a diversidade cultural em sua condição plural. Talvez um caminho político educacional para colaborarmos na produção subjetiva de reflexão para a promoção da justiça social entre nós.

Referencias

BOSI, Alfredo. 1996. Dialética da colonização. Editora Schwarcz. São Paulo.

BENJAMIM, Roberto. Conceito de folclore.
http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf

BRASIL. Decreto lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

BRASIL. Decreto lei 11.645, 10 de março de 2008.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm

CALDERA, Claudia. Revisitando o ethos indígena e a nação no caminho da construção das identidades.
http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-6WENT7/1/disserta_o_arquivo_nico.pdf

CANDIDO, Antonio. Caipiras. Video documentário produzido por Isa Grinspum Ferraz na coletânea Intérpretes do Brasil (Disco 2) em 2001-2002

DEL ROIO, Marco. 2007. Gramsci e a emancipação do subalterno. Revista Sociologia e Política. Curitiba 29, p 63-79, nov. 2007 <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n29/a06n29.pdf>

FERRETI, Sergio. 2008. Folclore e cultura popular.
<http://poemia.wordpress.com/2008/06/05/folclore-e-cultura-popular/>

FRESSATO, Soleni Biscouto. s/d. Cultura popular: reflexões sobre um conceito complexo.
<http://oohodahistoria.org/culturapopular/artigos/culturapopular.pdf>

ORTIZ, Renato. 2003. Cultura brasileira e identidade nacional. Brasiliense. São Paulo.

ORTIZ, Renato. 2004. Estudos culturais. Tempo social. Vol. 16 nº 1 São Paulo jan 2004.

*Estudante de graduação em Licenciatura de Pedagogia - Professora do Curso de Pedagogia –
Mestre em Educação – comoliveira@uneb.br

**A elaboração do presente artigo foi possível com a colaboração efetiva de estudantes do curso de pedagogia do Campus XV: Claudia Ribeiro Damasceno, Emanuele Ribeiro Viana, Neilma Santos Ramos, Silvia Luci de Lemos Santos, Karine Sullivan Pinto Cunha, Aline Figueredo de Almeida e Regeane Almeida de Sousa.